



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

LARYSSA GABRIELLE OLIVEIRA SILVA

ARTE, ENSINO E ESPAÇOS CULTURAIS: EMPODERAMENTO
SOCIAL E CULTURAL EM REGIÕES PERIFÉRICAS

Brasília

2018

LARYSSA GABRIELLE OLIVEIRA SILVA

ARTE, ENSINO E ESPAÇOS CULTURAIS: EMPODERAMENTO SOCIAL E
CULTURAL EM REGIÕES PERIFÉRICAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Ma. Anna Paula da Silva

Brasília

2018

Polo Goiás – GO

Ao Criador de todas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, criador e cuidador, que, em sua infinita bondade, concedeu-me a oportunidade de realizar um curso infinitamente encantador e ainda exercer a profissão ligada a ele. Além disso, presenteou-me com os dons e os talentos relacionados à Arte.

Agradeço aos meus pais e irmãos pelo apoio em vários processos ao longo de minha existência. Em especial, ao meu irmão Rafael, que está sempre presente auxiliando-me, encorajando-me e caminhando junto comigo nessas etapas tão difíceis, porém necessárias, contribuindo com as construções de minhas ideias e produções.

Agradeço aos amigos, que me acompanham e me dão forças para seguir nas trajetórias de artista-professora-pesquisadora. Em destaque à amiga e produtora cultural, Natália Aniceto, que me apresentou o Espaço Cultural Ubuntu, possibilitou atividades culturais conjuntas com os espaços culturais locais, além de caminhar ao meu lado, promovendo e compartilhando reflexões críticas em tantos momentos.

Agradeço à longa, forte e paciente amizade de Mônica Gomes, uma amiga que admiro e que me incentivou e auxiliou no processo de construção deste trabalho. E que também me acompanhou e acompanha em todas as etapas de minha formação acadêmica e da minha vida diária, oferecendo-me conselhos, acolhimento e impulsionando os novos desafios.

Agradeço ao CEF 13, escola onde trabalho, que, com toda sua equipe pedagógica e diretiva, apoia projetos como este, concedendo liberdade para as experimentações artísticas, com destaque para os companheiros de profissão, que tanto me inspiram e me apoiam em minha trajetória docente.

Agradeço à equipe e aos professores coordenadores do curso, que, paciente e atenciosamente, nos guiaram no decorrer do desenvolvimento das atividades deste curso. Em especial, a atenção e a orientação recebidas da minha orientadora Professora Mestra Anna Paula da Silva e o carinho das tutoras Elaine Ruas e Cilene Rodrigues Carneiro Freitas.

Agradeço à Universidade de Brasília, instituição que tenho profundo carinho, pela oportunidade de cursar uma Especialização em uma universidade federal pública.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma pesquisa de integração dos espaços formais e não formais de ensino: escola e espaços culturais locais, respectivamente, com destaque para o ensino de Artes visuais. Essa proposta foi realizada no Recanto das Emas, uma região administrativa do Distrito Federal, e contou com a colaboração de dois espaços culturais locais (Ubuntu e CEU das Artes) e do CEF 113. Partindo dessa iniciativa, discorreremos a respeito das experiências proporcionadas pelas atividades educativas realizadas e das trajetórias percorridas para elaboração de um projeto de exposição dos alunos da educação básica, dos anos finais. Apresentamos, também, as vivências promovidas como resultado deste projeto, promovendo uma reflexão crítica a respeito atuação docente e as relações entre escola – espaço cultural; alunos – espaço cultural; professora – alunos. Nesses aspectos, buscamos relacionar com teóricos da educação e arte/educação, e enfatizar a Pesquisa Educacional Baseada em arte, *A/r/tografia*, abordando as identidades do artista, do pesquisador e do professor, fundamentando, assim, a valorização do ensino de Artes, proporcionando uma aprendizagem mais interativa no que concerne à fruição, à produção e à contextualização do ensino de Artes. O acompanhamento dos espaços culturais foi analisado conjuntamente com os estudos das disciplinas do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, observando a importância da cultura local, a participação dos atores sociais no fomento à cultura e aos locais que promovem as manifestações relacionadas a ela.

ABSTRACT

This work aims to develop a research on the integration of formal and non-formal teaching spaces: school and local cultural spaces, respectively, with emphasis on visual arts teaching. This proposal was made in Recanto das Emas, an administrative region of the Distrito Federal, and was attended by two local cultural spaces (Ubuntu and CEU das Artes) and CEF 113. Based on this initiative, we discuss the experiences provided by the educational activities carried out and the trajectories experienced to elaborate an exposition by the students of basic education, of the elementary School. We also present the experiences promoted as a result of this project, promoting a critical reflection on teaching performance and the relationships between school - cultural space; students - cultural space; teacher - students. In these aspects, we seek to relate to education and art and education theorists, and emphasize Art-Based Educational Research, *A/r/tografia*, addressing the identities of the artist, the researcher and the teacher, grounding in this way the valuation of Arts, providing a more interactive learning regarding the fruition, production and contextualization of the Arts teaching. The monitoring of cultural spaces was analyzed together with the studies of the subjects of the Specialization Course in Education and Cultural and Artistic Heritage, observing the importance of the local culture, the participation of social responsible agents in the promotion of culture and the places that promote those cultural manifestations.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 - Divulgação de oficinas do Espaço Ubuntu, DF, 2017	17
Figura 2 - Espaço Ubuntu, DF, 2017	18
Figura 3 - Troféu 1º Prêmio Hip-Hop, DF, 2017.....	19
Figura 4 - CEU das Artes – Recanto das Emas, DF, 2017	23
Figura 5 - Cena Contemporânea 2018 - CÉU das Artes – Recanto das Emas, DF, 2017	24
Figura 6 - Oficinas educativas Espaço Ubuntu, DF, 2017	32
Figura 7 - Oficinas educativas Espaço Ubuntu, DF, 2017	33
Figura 8 - Oficina de introdução à aquarela no Espaço Ubuntu, DF, 2017.....	34
Figura 9 - Produção criativa – DF, 2017.....	36
Figura 10 - Exposição – CEU das Artes, DF, 2017	37
Figura 11 - Exposição – CEU das Artes, DF, 2017	38
Figura 12 - Roda de conversa, CEU das Artes, DF, 2017.....	40
Figura 13 - Roda de conversa, CEU das Artes, DF, 2017.....	40
Figura 14 - Registros dos artistas falando sobre os trabalhos, DF, 2017	41
Figura 15 - Teatro “Vista a minha pele”, CEU das Artes, DF, 2018	44
Figura 16 - Turma e professora Edigessa Siqueira, CEU das Artes, DF, 2018	44
Figura 17 - Equipe de apoio, CEU das Artes, DF, 2017	52

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEF – Centro de Ensino Fundamental

CEU - Centro de Artes e Esportes Unificados

MINC - Ministério da Cultura

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDAD - Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 VALORIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS LOCAIS	13
3 INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE TRABALHO.....	27
3.1 METODOLOGIA, ESTRATÉGIAS DE TRABALHO E PERCURSOS	30
4 PÓS - TRABALHO E MINHAS REFLEXÕES	42
4.1 PROJETO COMO EXPERIÊNCIA	42
4.2 A/R/TOGRAFIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	45
4.3 MINHAS REFLEXÕES.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ser professor exige conhecimento e dedicação, mas é, em algum nível, uma forma de arte: a arte de ensinar e aprender ao mesmo tempo. Por isso, estar em sala de aula é sempre um desafio, mas também um prestígio. Não se pode negar que ter a possibilidade de compartilhar descobertas, direcionar olhares ao desconhecido e explorar diferentes rotas para novos saberes é animador. Sobretudo quando estamos nesse percurso temos a oportunidade de trabalhar com atividades criativas e motivadoras. O simples ato de dar atenção e ouvir os que compartilham conosco dessas experiências já pode ser considerado algo bastante significativo, uma vez que se torna um importante meio de comunicação entre professor e alunos, o que facilita o trabalho cotidiano em sala de aula.

A necessidade de trabalhar uma disciplina que fosse além da questão avaliativa foi a principal motivação para a investigação de outras formas de interação com a arte, dentro e fora da escola, pois ela está presente em praticamente todos os lugares como nas diversas imagens espalhadas pela cidade, nas manifestações artísticas, nos objetos, nas ruas e não apenas nas avaliações bimestrais. O propósito deste trabalho é, portanto, conhecer outros espaços de arte, cultura e educação e integrá-los com a escola para que os educandos possam perceber a arte como ferramenta de suas expressões e veículo para sua afirmação identitária cultural.

Essas questões surgem das experiências obtidas em sala de aula nos últimos quatro anos atuando em escolas públicas do Recanto das Emas – DF, nos anos finais do ensino fundamental. Ao longo desse período, observar os alunos e suas dificuldades em compreender as habilidades artísticas além de uma mera disciplina foi essencial para nascer uma vontade de fazer um trabalho diferenciado nas aulas de Artes. Os esforços e as reflexões a respeito da prática docente e das ações pedagógicas, durante essa trajetória, são aspectos fundamentais para elaborar métodos que alcancem os interesses dos educandos, valorizando suas vivências e contexto.

A seguir, apresentaremos o percurso deste projeto, que tem como objetivo reconhecer novas experiências com relação ao ensino das artes visuais, cujo intuito é evidenciar que existem outras formas de vivenciar e sentir a arte, que vão muito além dos muros da escola. Nesse sentido, propomos investigar e executar atividades que conectassem um espaço formal e dois não formais de ensino, mais especificamente o Centro de Ensino Fundamental 113

(CEF 113), o Espaço Cultural Ubuntu e o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU), todos situados no Recanto das Emas, região administrativa do Distrito Federal.

A opção por investigar esse tipo de interação surgiu da necessidade de buscar algumas respostas para os seguintes questionamentos:

- Como o ensino da Arte pode influenciar e contribuir, de forma significativa, na vida dos alunos?
- Como a Arte se relaciona com o contexto e seu ambiente, de tal forma que o aluno compreenda a Arte dentro e fora dos muros da escola?
- Como os espaços culturais atuam na formação da cultura local?
- Como o professor pode contribuir para promoção desses espaços culturais?

A partir dessas questões, investigamos essas possibilidades de integração para, posteriormente, trabalhá-las na prática, de tal maneira que o desenvolvimento desses aspectos promovesse novos entendimentos e reflexões para todos os envolvidos no processo: professora, alunos, escola e espaços culturais. Cabe destacar que essas reflexões estão diretamente relacionadas com a nossa prática docente, fazendo com que possamos reavaliar conceitos, evoluir ideias, assumir responsabilidades sociais, compreender os valores do coletivo e promover as construções necessárias para o fortalecimento identitário da cidade e dos educandos.

Assim a estrutura deste trabalho se divide em três seções, onde o primeiro apresenta os espaços culturais locais, histórias, trajetórias, objetivos e atividades oferecidas. No capítulo seguinte, descreveremos como foi à integração com estes espaços e a escola, relataremos as propostas e experimentos de investigação, narrando os processos da construção do projeto. E por fim, no terceiro, analisaremos todo percurso, os estudos referentes ao ensino de arte, as transformações, vivências e descobertas proporcionadas aos envolvidos no projeto.

Como fundamentação teórica deste trabalho, utilizamos autores que abordam e questionam alguns aspectos que julgamos relevantes para promover uma prática educativa que seja mais eficiente. Podemos destacar o educador Paulo Freire (1996); o valor do ensino de arte relacionado com a cultura visual, conforme os conceitos de Ana Mae Barbosa (2005); a Pesquisa Educacional Baseada em arte, com destaque na A/r/tografia, abordando as identidades do artista, do pesquisador e do professor e como essas identidades se integram

para produzir novos conceitos que contribuem para o desenvolvimento da arte/educação, destacando os autores Belidson Dias e Rita L Irwin (2013); assim como as teorias de Maria Heloisa C. T. Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2010), que trazem reflexões quanto à formação e aos saberes fundamentais para o magistério em Arte e outros autores que trabalham nessa perspectiva de estudos no âmbito da arte/educação.

Destacamos, ainda, que algumas das questões trabalhadas neste projeto foram postas em evidência a partir do estudo do Patrimônio Cultural e Artístico desenvolvido no Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, cujas disciplinas nos proporcionaram conhecer mais sobre a cultura, considerando suas três dimensões: simbólica, cidadã e econômica, e reconhecer os valores dos saberes locais como identidade nacional e provocar o pensamento crítico a respeito dessas questões.

Por fim, considerando que este trabalho está diretamente relacionado com experiências pessoais, informamos que, em alguns momentos, utilizaremos o tempo verbal em primeira pessoa do singular, pois algumas sensações, percepções e ações vivenciadas durante o desenvolvimento deste projeto somente podem ser expressas em primeira pessoa. Além disso, as questões aqui abordadas são realizadas a partir do papel de artista-professora-pesquisadora, o que exige um posicionamento mais pessoal a respeito dos resultados obtidos dessa experiência.

2 VALORIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS LOCAIS

Atualmente, diversos grupos sociais têm se manifestado em busca de empoderamento e afirmação de suas identidades culturais, devido à expansão de assuntos e debates que falam de questões da identidade negra e/ou o poder da mulher, do jovem, entre outros. Esse acontecimento tem se revelado mais presente nas cidades periféricas e por indivíduos historicamente marginalizados, mas conscientes de seu papel na sociedade. Ao mencionar cidades periféricas, estamos nos referindo às cidades localizadas mais afastadas de grandes centros urbanos e culturais, como, por exemplo, Brasília. Um conceito relacionado à questão geográfica daquelas que estão situadas em oposição ou em volta a um centro. Ao acompanhar as movimentações artísticas e culturais desses grupos e estudar diversas reportagens e artigos sobre essas, nas cidades periféricas de Brasília e do Brasil, surgiu o interesse de desenvolver esta pesquisa, que visa trabalhar algumas ideias de interação entre os novos espaços culturais e a escola, que acolhem as manifestações, as reflexões e as criações daqueles que têm nas linguagens urbanas uma forma de expressão para que, assim, haja a valorização da cultura local em seus diversos conceitos.

Segundo Filho (2017, p. 3), a palavra cultura abrange vários significados, entre eles um “conjunto de saberes, modos, costumes, qualquer produção material e/ou imaterial de uma coletividade específica, conjunto de signos e símbolos das relações sociais” entre outros. Assim, podemos observar nesses novos espaços um acolhimento para as produções da cultura local e uma troca de saberes que representam as realidades periféricas.

Nos últimos anos, temos assistido essa movimentação em prol do incentivo à cultura local em espaços que os próprios moradores reservam para as manifestações artísticas e culturais. Anteriormente, ao considerar a ausência de eventos culturais na periferia, aqueles que desejavam participar de qualquer atividade artística se deslocavam para o centro, Plano Piloto. No entanto, temos presenciado o surgimento de novos espaços culturais descentralizados, com o intuito de suprir essa carência. Pequenos grupos têm reservado lugares para trabalhar e mostrar suas linguagens artísticas e, com isso, contribuir para o reconhecimento e a expansão da diversidade da cultura local. Uma reportagem especial do jornal *Correio Brasiliense*¹ apresenta um pouco desse fluxo:

¹ A cultura livre: Grupos independentes mantêm casas de cultura em várias regiões administrativas do DF e provam que existe arte para além das fronteiras do Plano Piloto. Reportagem especial. Disponível em: <<http://especiais.correiobrasiliense.com.br/a-cultura-livre>>. Acesso em: 10/09/2018.

Enquanto grandes centros culturais do Plano Piloto, como o Teatro Nacional, sucumbem com o poder público, grupos independentes provam, nas regiões administrativas, que a cultura no Distrito Federal está mais viva do que nunca e é capaz de transformar. Sem tanto alarde e invisíveis para muitos, casas de cultura em Taguatinga, Ceilândia, Recanto das Emas, Samambaia, São Sebastião, Planaltina e Gama oferecem diversas atividades para a população. [...] locais que lutam para manter forte a cultura no DF para além do Plano Piloto. A maioria dos espaços, como mostrará a série, está localizada em regiões em que a escolaridade ainda é baixa e as opções de lazer são escassas e restritas. Locais que o poder público ainda trata com desdém e insiste em impor a pecha de cidades-dormitório.

Ao observar essas transformações, constatamos a importância de refletirmos a respeito dos papéis dos atores sociais interessados nesses avanços e, principalmente, como a escola, que representa uma instituição formadora de pensamento crítico, pode colaborar para a promoção cultural local. E como o componente curricular Arte pode ir além dos muros da instituição escolar e fazer parte do cotidiano dos educandos, por meio do contexto daqueles que precisam reconhecer a escola como uma auxiliadora do seu crescimento e ainda promover a diversidade artístico-cultural desses jovens. Além disso, procuramos articular o conceito do Patrimônio Cultural com ênfase nos bens imateriais, como as formas de expressão artístico-culturais, com os espaços destinados a essas manifestações e a realização de atividades educativas ligadas à valorização da identidade cultural.

A atuação em sala de aula, principalmente nas escolas do Recanto das Emas-DF², produziu muitas experiências positivas. Por outro lado, surgiram algumas reflexões a respeito da necessidade de um ensino mais contextualizado, sobretudo para os alunos que têm pouco acesso aos grandes centros culturais. Diante da realidade vivenciada nas escolas dessa cidade, um dos objetivos deste projeto é elaborar estratégias de atuação, de forma a construir um elo entre esses novos espaços e a escola a fim de atrair os olhares daqueles que precisam compreender sua cultura e perceber os meios artísticos como uma forma de expressão, não somente como uma disciplina avaliativa.

Durante as pesquisas, acompanhamos dois espaços culturais locais que poderiam manter vínculos com a escola para atender a essa demanda de valorização da cultura. Eram espaços com potencial para que a comunidade construísse e desenvolvesse interação com

² Região Administrativa do Distrito Federal (RA XV) criada em 28 de julho de 1993 pela Lei nº 510/93 e regulamentada pelo Decreto nº 15.046/93, situada a 25,8 Km da RA Brasília. De acordo com os últimos dados da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios - PDAD 2015, a população urbana estimada nesta cidade é de **145.304** habitantes. Disponível em <http://www.recanto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 13/01/2019.

esses ambientes a fim de apreciar suas produções culturais e patrimoniais. As experiências aconteceram no Centro de Ensino Fundamental 113 (CEF 113), em conjunto com os espaços culturais o Espaço Cultural Ubuntu e o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU das Artes), ambos localizados no Recanto das Emas – DF, com intuito de valorizar e propor diversas atividades culturais à comunidade.

A ideia inicial foi propor dinâmicas que integrassem os espaços não formais (espaços culturais da cidade) com a escola, de maneira a estimular os estudantes a compreenderem esses movimentos culturais locais e a participarem dos eventos, fortalecendo, assim, as expressões da cidade. O primeiro espaço que acompanhamos foi o Espaço Cultural Ubuntu que surgiu em meados de 2016, a partir de um coletivo cultural com militantes da própria cidade. Em entrevista³ concedida ao jornal *Correio Brasiliense*, Francisco Celso, um dos idealizadores do projeto, relata que o espaço foi planejado para acolher as expressões e as manifestações artísticas locais, movimentando, dessa forma, a cena cultural da região e também abrindo espaço para a discussão de assuntos e demandas da cidade, seguindo a filosofia da “politização”, quando trazem os problemas e as soluções para/pela a comunidade local como, por exemplo, a valorização dos artistas locais e a importância de um espaço cultural na cidade com eventos que envolvam a juventude.

O Espaço possuía ações culturais fixas voltadas para o diálogo com a periferia com o objetivo de compartilhar ideias sobre as lutas diárias da população local, debater temas fortes como a cultura negra, o feminismo e as identidades culturais. Além de estimular atividades para as manifestações artísticas como, por exemplo, batalhas de rima, oficinas de *break*, grafite, escrita criativa, linguagens artísticas visuais, além de promover eventos dedicados à literatura, à música, à dança, às apresentações artísticas, como saraus e exposições, enfatizando os artistas locais e suas produções. Podemos listar diversos coletivos importantes do DF que ofereceram ou participaram de importantes festivais e debates no circuito cultural da cidade, como os coletivos AVÁ, Caliandras e o Favela *Sounds*, que contribuíram para essa movimentação.

Nesse contexto, a Arte pode ser considerada um elemento motriz para uma significativa transformação social e, por meio dela, potencializar o processo criativo e enriquecer as discussões. A arte tem impacto para que mudança ocorra de forma expressiva, sensível e simbólica, através das relações estabelecidas, com o reconhecimento de nós

³ A cultura livre: Espaço Cultural Ubuntu, no Recanto da Emas. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4u4W-mPAD0Y>>. Acesso em: 10/9/2018.

mesmos nas linguagens expressas, as quais abrangem o coletivo. Assim, uma das propostas de integração foi oferecer algumas oficinas artísticas para promover o espaço. Essas atividades, em sua maioria, eram gratuitas para a comunidade local com a finalidade de proporcionar o conhecimento de novas linguagens, como forma de expressão, compartilhamento de experiências e promover a movimentação artística cultural do grupo. Outras atividades como pintura em aquarela e escrita criativa foram práticas que trabalhamos a fim de divulgar para os alunos as ações culturais do Ubuntu e proporcionar atividades diferentes das que são realizadas em sala de aula. Por meio dessa iniciativa de difusão da arte, seja a música, o teatro, a dança, o grafite, a poesia ou tão somente o discurso, o empoderamento identitário desejado por diversos segmentos da sociedade pode se afirmar com a cultura local. Segundo Helena Abramo, socióloga e pesquisadora de temas relativos à juventude, em entrevista a Revista *Continuum* – Itaú Cultural⁴:

Além de valorizar sua própria história, afirmar sua identidade, a periferia “criou um conceito que é mais que territorial, que expressa uma noção de classe, de lugar na estrutura social”. Quando se expressa, hoje, não está dizendo somente que o morro não tem vez. Fala de exclusão, mas não trata somente da negação da realidade, porém da necessidade de transformá-la. A saída não é sair da periferia, e sim mudar sua situação.

A figura 1 exemplifica as movimentações do Espaço para incentivar a comunidade a participar da cultura e das produções artísticas locais a fim de estimular a criatividade dos jovens que desejam se expressar por meio de outras linguagens, despertando essa vontade de modificar seu ambiente e evidenciando que este não é composto somente por problemas sociais, mas abarca, também, uma grande diversidade cultural.

⁴ *Continuum* 26 - No centro da cultura. Disponível em: <[//issuu.com/itaucultural/docs/continuum_junho-julho](http://issuu.com/itaucultural/docs/continuum_junho-julho)>. Acesso em: 9/10/2018.

Figura 1 - Divulgação de oficinas do Espaço Ubuntu, DF, 2017



Fonte: Facebook Espaço Cultural Ubuntu (<https://www.facebook.com/espacoculturalubuntu/>).

Em geral, semanalmente, havia encontros de jovens no local para as apresentações de *Hip-Hop* e as batalhas de rima, as quais são muitos presentes na cidade. Essas atividades são representativas de uma das identidades culturais desses jovens que encontram na palavra cantada uma maneira de fugir da violência e falar a respeito dos problemas sociais do dia a dia. É uma expressão simbólica, a qual exerce a função de desabafo e falas carregadas de significados reais por aqueles que vivem a realidade da periferia. De acordo com Chedid (2015, p. 4), “todos os seres humanos podem criar símbolos e se expressar pelas mais distintas atividades culturais”.

Apesar de todas as ações promovidas pelo espaço Ubuntu, os recursos financeiros arrecadados com essas ações eram insuficientes para sua manutenção, por isso, foi necessário a criação de outras formas de obtenção de recursos financeiros. Dessa forma, foi organizada uma pequena estrutura – uma loja colaborativa – para a comercialização de diversos artigos confeccionados pelos próprios moradores das regiões administrativas do DF. Esse projeto foi nomeado: *De Favela pra Favela*, conforme demonstrado na figura a seguir.

Figura 2 - Espaço Ubuntu, DF, 2017



Fonte: Arthur Menescal/Esp. CB/D.A Press.

Além disso, esse espaço participou de processos seletivos cuja finalidade era adquirir incentivos financeiros para projetos culturais, como o prêmio Hip-Hop promovido pelo Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC). Esse tinha como objetivo fomentar coletivos e organizações que estavam envolvidos em ações de incentivo e promoção de eventos culturais relacionados ao Hip-Hop. Foram selecionados 70 projetos, sendo que cada um deles recebeu 15 mil reais. O espaço Ubuntu foi um dos premiados (Fig. 3), mas a quantia foi usada para quitar as dívidas do local e para pagar as contas básicas do estabelecimento, como luz, água e aluguel, despesas que têm os valores maiores, pois o espaço estava localizado em uma área comercial. Esses esforços, entretanto, não foram suficientes para manter as atividades e, infelizmente, após um ano e seis meses de funcionamento o espaço Ubuntu fechou suas portas.

Figura 3 - Troféu 1º Prêmio Hip-Hop, DF, 2017



Fonte: Facebook Espaço Cultural Ubuntu

(<https://www.facebook.com/espacoculturalubuntu/photos/a.1580109215631070/1753258198316170/?type=3&theater>)

Ao observar essa movimentação do Ubuntu, podemos estabelecer um paralelo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (2000), ao apontar para a importância desses espaços e da participação da comunidade nos assuntos culturais, e também a respeito de novos Pontos de Cultura:

Essas iniciativas promovem o acesso à cultura, à cidadania e o reconhecimento das manifestações culturais locais. O efeito é o envolvimento intelectual e afetivo da comunidade, motivando os cidadãos a criar, participar e reinterpretar a cultura, aproximando diferentes formas de representação artística e visões de mundo (BRASIL, 2000, p. 51).

Com os novos meios de comunicação e interação social, observamos os movimentos e as discussões populares, que possibilitam a participação e motivam o interesse da população pelos assuntos culturais e sociais da cidade. A comunidade se comporta, portanto, como uma atuante responsável pela preservação da cultura local e não somente uma recebedora de políticas públicas ou das benfeitorias do governo sem expor e discutir suas reais necessidades e interesses. Conseqüentemente, representa ativa e efetivamente sua identidade, utilizando essa postura como uma ferramenta para construir e contribuir para o aparecimento de um patrimônio cultural local. Em segundo ponto, o incentivo financeiro ao espaço é

indispensável, uma vez que, sem ele, os espaços culturais não conseguem se manter por muito tempo, com isso, deixam de promover e acolher projetos tão relevantes para a população.

Nesse sentido, Moreira e Hofmann (2017) abordam as trajetórias dos financiamentos para as ações culturais. Uma das críticas apontadas é a falta de fomento aos projetos que não têm retorno comercial, pois estes teriam pouco *marketing* publicitário e, muitas vezes, não conseguem apoio facilmente. Infelizmente, o que se pode evidenciar são burocracias e intenções meramente mercadológicas, o que dificulta o desenvolvimento desse tipo de produção coletiva. Quando tratamos do assunto direito à Cultura, notamos que se trata, também, de interesses políticos. Como podemos exemplificar nas discussões referentes às Leis de Incentivo a Cultura como a Rouanet⁵ e como estes investimentos, muitas vezes, são concentrados em determinadas regiões. Ainda segundo as autoras Moreira e Hofmann, (2017, p. 2):

[...]’*Quem toma as decisões? Sob quais perspectivas decidem e quais seus reflexos?*’, o PROCULTURA surge num contexto onde está em pleno funcionamento o PRONAC/ Lei Rouanet cuja desaprovação só cresce nos últimos anos. [...] A principal crítica se assenta no argumento de que há uma alta concentração de recursos do incentivo fiscal na região sudeste, em especial nas capitais. A outra crítica diz respeito à alta ocorrência de exclusão de iniciativas culturais consideradas de “baixa atratividade” por potenciais investidores e beneficiários dos incentivos fiscais, muito embora haja exemplos interessantes de empresas que, para além do incentivo fiscal buscam realizar efetivas contribuições no campo da cultura, dentro do que se denomina de ISP - Investimento Social Privado. Ou seja, há uma necessidade de mudança visando dar equidade na distribuição dos recursos.

Assim, o desenvolvimento de projetos culturais de “baixa atratividade”, segundo as autoras, poderia ser mais beneficiado se as leis atuassem com mais incentivo aos direitos culturais para toda sociedade, de todas as regiões, e estimulando a participação social nas decisões e atuações destes projetos.

As autoras ainda destacam o aumento da participação social por meio de fóruns, convenções, debates e outros meios de comunicação nos anos de 2003-2007 nas formações dos Espaços Culturais:

⁵ A Lei Rouanet é um dos principais mecanismos de incentivo à Cultura no Brasil. Ela normatiza como o Governo Federal deve viabilizar os recursos para a realização dos projetos artístico-culturais. Sua mais recente publicação foi a Instrução Normativa MinC Nº 5 DE 26/12/2017, disponível em <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=354426>> . Acesso em: 22/10/2018.

Há um aumento de novos atores advindos de outros campos do saber e setores de atividades e uma nova gramática que vai sendo urdida. Observa-se um movimento de pactuação com a sociedade civil, quando o ‘do-in antropológico’ de Gilberto Gil dá início a um intenso processo de mobilização e participação de grupos de diversas expressões da cultura brasileira. Estes grupos eram expressões novas ou já existentes da cena cultural, vindos de diversas partes do país e que mais tarde passam a compor os chamados ‘Pontos de Cultura’ (MOREIRA e HOFMANN, 2017, p. 4).

A compreensão da população a respeito da importância da atuação conjunta com Estado na democracia cultural seria uma forma do povo cobrar e fiscalizar o Estado em suas “ofertas” de políticas públicas ou em suas decisões. Em tese, as deliberações do Estado devem atuar de acordo com as necessidades da comunidade, ou seja, se esta não questiona essas ações ou não é estimulada a isso, os representantes deixarão de agir em prol dessa população e aqueles que têm maior influência e força financeira serão os maiores beneficiados. Com isso, destacamos as responsabilidades de todos os interessados nesse movimento cultural. É importante ressaltar, entretanto, que é de responsabilidade do Estado “garantir, incentivar e valorizar o apoio à cultura”, conforme o Artigo 215 da Constituição Federal de 1988.

Outro espaço que integramos as atividades escolares foi o Centro de Artes e Esportes Unificados (CEU das Artes), localizado próximo ao CEF 113⁶. Esse Centro foi inaugurado em junho de 2017⁷, cuja finalidade é a realização de políticas públicas para atender a comunidade em questões culturais, lazer e educação. De acordo com a Portaria nº 98 publicada em 11 de maio de 2017 no Diário Oficial do DF, no artigo 2º, o CEU é “um equipamento público estatal, instalado em áreas de vulnerabilidade social, que integra atividades socioculturais, socioassistenciais, recreativas, esportivas, de formação e de qualificação”. As chamadas Praças CEUs fazem parte de um programa do governo federal, coordenado pelo do Ministério da Cultura - MINC em parceria com as prefeituras municipais, as quais têm unidades inauguradas nas cinco regiões do país⁸.

O espaço possui várias atividades como aulas de teatro, contação de histórias, confecção de cenários, fantoches, figurino, artesanatos, oficinas de áudio visual e cinema. Também são ministradas aulas de dança, ginástica e alongamento, formação de grupos de corrida e caminhada. Todas essas atividades são gratuitas para a comunidade local. A estrutura é composta por diversas salas como cineteatro, biblioteca, laboratório multimídia,

⁶ Escola que trabalho desde 2016.

⁷ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/politica-cultural/recanto-das-emas-ganha-centro-de-artes-e-esportes-unificados>>. Acesso em: 13/09/2018.

⁸ Disponível em: <<http://ceus.cultura.gov.br/o-programa/>> Acesso em: 15/01/2019.

quadra coberta poliesportiva, pista de skate, parque infantil, programa esportivo comunitário e mesas com tabuleiro de jogos.

Atualmente, a gestão é formada por gestores públicos, juntamente com representantes da comunidade, com o objetivo de promover programas que atendam à população em suas necessidades culturais e na formação e qualificação profissional. A proposta é que as atividades sejam fomentadas pelas Secretarias do Trabalho, da Educação, da Cultura, de Desenvolvimento Social, da Mulher, dos Direitos Humanos, da Cultura, do Esporte e Lazer, além de outras ações propostas pela comunidade para serem realizadas nesse espaço, de forma integrada, segundo a portaria supracitada. A partir dessa normativa, busca-se cumprir a garantia do direito à cidadania e à cultura em uma região administrativa considerada com alta vulnerabilidade social. Segundo Maria Estela Porto, coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Violência da Universidade de Brasília (UnB), em entrevista cedida ao jornal Correio Brasiliense:

[...] quando o cidadão não tem nenhuma alternativa e, muitas vezes, quando essas opções obrigam o mínimo de recurso para se deslocar até o Plano Piloto, sobra muito pouco. Sobram o bar, a bebida, as atividades que indiretamente podem contribuir para o aumento da violência. Não existe receita. Nem otimismo nem utopia. É absolutamente utópico dizer: ‘Vamos construir cinemas, colocar teatros’. Mas existem possibilidades de construção de uma política integrada com outras áreas, como alguns programas que levam os jovens para centros esportivos e culturais, os quais têm tido sucesso⁹.

⁹ Entrevista concedida ao jornal Correio Brasiliense, disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/02/25/interna_cidadesdf,662089/artistas-do-df-criam-aco-es-que-valorizam-a-autoestima-e-a-identidadel.shtml>. Acesso em 13/09/2018.

Figura 4 - CEU das Artes – Recanto das Emas, DF, 2017



Fonte: Tony Winston/Agência Brasília.

A figura 4 apresenta uma parte da estrutura do CEU das Artes, cujas áreas de lazer podem ser usufruídas pela comunidade. Nessa imagem, podemos observar o cuidado que a gestão pública teve ao trazer o grafite para ornamentar as paredes do ambiente. Cabe destacar que essas pinturas foram produzidas pelos próprios grafiteiros da cidade.

Para o funcionamento do espaço, a Secretaria de Educação disponibilizou professores da rede de ensino público das áreas de artes, educação física e pedagogia, para desenvolverem as aulas no local. Durante o período de investigação, observamos que o espaço recebeu diversos eventos culturais, como o 2º Festival Banca de Poetas, um evento de literatura, com a finalidade de promover a leitura; as interpretações teatrais; a troca de livros e eventos teatrais como o CENA CONTEMPORÂNEA 2018.

Figura 5 - Cena Contemporânea 2018 - CÉU das Artes – Recanto das Emas, DF, 2017



Fotógrafa: Laryssa Oliveira.

A imagem acima é um registro do espetáculo do palhaço Mateus da Lelé Bicuda, contador de histórias, realizado em agosto de 2018, e mostra a interação da escola (presença dos alunos) com as atividades que foram oferecidas pelo Espaço. Esse evento promoveu uma tarde educativa diferenciada com apresentação de teatro, truques de mágica e boneco ventríloquo, o que, provavelmente, muitos dos expectadores não teriam oportunidade de vivenciar em outro local. O próprio artista questionou aos presentes quantos já tinham assistido a uma apresentação de circo ou visitado um teatro, poucos estudantes responderam afirmativamente a esse questionamento. Essa ausência de contato com esse universo cultural pôde ser percebida por meio da reação do público durante a apresentação, pois observamos como os olhares permaneceram curiosos e atentos aos movimentos dos bonecos e das mágicas realizadas pelo palhaço.

Apesar dessas movimentações e atividades sociais, o CEU ainda é visto de forma pejorativa por uma parte da comunidade, pois segundo relatos de alunos da região, eles já presenciaram algumas atividades ilegais, como tráfico e uso de drogas frequentes nas áreas do Centro. Para reverter essa visão negativa do espaço, um dos objetivos deste projeto é mostrar para os alunos que esse local é propício para uma ocupação saudável e que pode ser considerado um promissor patrimônio cultural local, de tal forma que possa ser um ambiente onde a comunidade possa usufruir de diversas atividades e, futuramente, oferecer mais ações culturais que beneficiem a localidade.

Em meio a esse *boom* cultural, o sentimento de afirmação da identidade ganha destaque entre os moradores e contagia a cidade. A escola, como espaço formador e influenciador, pode atuar como parceira desses grupos, tanto no sentido de expandir as questões trabalhadas em sala de aula, a fim de que esse conhecimento não se limite aos muros da escola; quanto como colaboradora na promoção e divulgação das atividades educativas ligadas à Arte. Com essa parceria, seria possível contextualizar e relacionar a realidade vivenciada pelos alunos fora da escola com o que é produzido em sala de aula.

Além dessa interação, podemos incentivar os alunos, desde o início, a enxergarem o espaço em questão como um patrimônio local, onde há uma produção coletiva, manifestações artísticas e culturais, ambiente de expressão, de diversidade cultural a fim de valorizar a produção regional e possibilitar a reflexão quanto à importância da cultura em suas vidas. Dessa forma, os alunos podem se perceber construtores, produtores e participantes desse patrimônio cultural, integrando esses conceitos à vida cotidiana. Segundo Barros e Brizuela (2017, p. 4), a cultura está relacionada em todo seu modo de viver e é essencial para sua existência:

Não é possível pensar o ser humano fora da cultura. Sua ausência na vida e no cotidiano de cada indivíduo e dos grupos e sociedades onde se inserem e se relacionam, coloca em risco não apenas repertórios e formas de expressão artística, mas a própria condição humana.

Ao analisar a relação desses espaços com o ensino em sala de aula, observamos como essas interações complementam as metas do processo educativo a fim de tornar o aluno capaz de reconhecer e produzir um senso crítico a respeito da realidade. A importância de se criar um vínculo entre o meio e o ensino da arte já era uma preocupação disposta nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte do ensino fundamental (1997):

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos (BRASIL, 1997, p. 19).

Assim, por meio de pesquisas e conhecimento das atividades educativas produzidas nos ambientes fora da escola, seria possível relacionar essas atividades com os saberes produzidos em sala de aula, ao desenvolver parcerias com os espaços culturais e possibilitar

que as criações dos alunos possam contribuir, de forma significativa, com a cultura local, conforme preconiza os PCNs¹⁰:

O aluno torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (BRASIL, 1997, p. 5).

Nesse sentido, a integração da teoria e prática, tanto em sala de aula quanto fora dela, contribuiria para uma maior participação dos jovens no espaço escolar e na formação da identidade cultural da cidade e, conseqüentemente, ampliar a compreensão do seu ambiente social.

¹⁰ No ato desta pesquisa e desenvolvimento do projeto a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não havia sido homologada pelos órgãos responsáveis. Por este motivo abordamos os tópicos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como documentos de referência aos currículos escolares.

3 INTEGRAÇÃO DOS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE TRABALHO

As argumentações a respeito de se apresentar propostas de integração entre os espaços culturais e a escola podem, num primeiro momento, parecer algo óbvio. Entretanto, ao refletir a importância da Arte no ensino e o trabalho da pedagogia triangular de Ana Mae Barbosa (1991), no que se refere à contextualização, à fruição e à produção, observamos, que, ao contrário do que se imagina, esse tema ainda tem muito a ser praticado.

A partir de vivência da realidade de uma escola de periferia, observamos que essas aplicações não são redundantes e, muitas vezes, faltam trabalhos com uma Arte mais interativa com fazer artístico e com o contexto dos educandos e suas experiências, abrangendo a cultura popular e seus artistas locais e possibilitando, assim, um pensamento crítico e reflexivo através das análises de obras e do fazer artístico, tanto dentro da História da Arte e quanto nas produções contemporâneas. Nesse sentido, Barbosa (2005) destaca ainda o valor de trabalhar esses conceitos do fazer artístico e da leitura de obras, juntamente com a interação dos artistas populares e eruditos:

O intercruzamento de padrões estéticos e o discernimento de valores devia ser o princípio dialético a presidir os conteúdos dos currículos da escola, através da magia do fazer, da leitura deste fazer e dos fazeres dos artistas populares e eruditos e da contextualização destes artistas no seu tempo e no seu espaço (BARBOSA, 2005, p. 33).

A partir dessas questões, cabe refletir em como o ensino da Arte poderia influenciar e contribuir, de forma significativa, para a vida dos alunos. Esse tipo de questionamento pode ser respondido quando refletimos em como a arte atua em nossa vivência, pois é por meio dela que podemos registrar, manifestar e expressar nossos sentimentos e pensamentos. A expressão artístico-cultural na vida dos educandos pode contribuir para se construir e exteriorizar tanto as angústias quanto as euforias. Os adolescentes têm muito a dizer e, na maioria das vezes, vivem muitas situações intensas em seus percursos diários e a administração e sensibilização diante a essas mudanças pode ser realizada pelos meios artísticos.

O papel do professor nesse processo é essencial, pois pode conduzir e promover as experiências com o fazer artístico e apresentar essa cultura estética, a fim de que os educandos melhorem suas sensibilidades em relação à arte e a sua cultura regional.

A arte amplia a reflexão sobre a diversidade cultural, aumenta o nível crítico e perceptivo dos alunos em relação ao seu lugar no mundo, além do aperfeiçoamento da coletividade nas produções em grupo. Segundo a professora Fernanda Scalzavara, em entrevista¹¹ cedida ao jornal Correio Brasiliense, todo investimento em cultura e educação é relevante, pois esses modificam as relações entre um jovem e o ambiente, e as pessoas. Acrescenta ainda que “Cultura e lazer são promotores de cidadania, o que aumenta a qualidade de vida das pessoas; com isso, reduz a violência”.

No que concerne o processo educacional, pontuamos esses dois espaços de educação: a escola como instituição formal e os espaços culturais como não formais, em que ambos promovem atividades educativas e sociais visando à melhoria de vida de quem se propõe a frequentar esses ambientes. A escola busca ampliar os conceitos estéticos, históricos e científicos, propiciando a seus educandos novos conhecimentos e, conseqüentemente, pensamentos críticos em relação a seu lugar no mundo. Segundo Fernandes (2006, p. 47),

[...] entendida como instituição formal do saber, a escola necessita interagir com outros espaços a fim de que o trabalho coletivo auxilie na análise, discussão e criação de propostas, constituindo ações voltadas ao crescimento profissional, pessoal e social.

Do mesmo modo, os espaços culturais, que participam mais de perto do cotidiano da comunidade, trazem outros aprendizados para história dos educandos, por meio do reconhecimento da cultura local e dos interesses de cada indivíduo, valorizando, assim, as construções realizadas pela ação coletiva. Portanto, a interação desses espaços de educação, é importante para a construção de saberes dos estudantes, possibilitando, também, novas visões e trocas de experiências que contribuirão para a formação desses alunos. Como aponta Livramento apud Fernandes (2006, p. 48):

Quando ocupamos espaços diferentes e temos a oportunidade de experimentar coisas diferentes, ou, ainda, de explorar situações diversas, estamos abrindo novas possibilidades, indo para além do que já temos e/ou conhecemos. Podemos, então, estabelecer novas relações com o mundo, construindo e reconstruindo saberes diferentes dos que temos, dando outro sentido e outro significado para as coisas — do mundo, da educação.

¹¹Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/02/25/interna_cidadesdf.662089/artistas-do-df-criam-aco-es-que-valorizam-a-autoestima-e-a-identidadel.shtml>. Acesso em 13/09/2018.

É cabível debater a importância desses locais que acolhem os variados tipos de expressão artística, pois, segundo Barros e Brizuela (2017, p. 4), “a diversidade cultural também constrói as identidades” e essa construção na periferia é essencial para a sua afirmação. De acordo com essa linha de raciocínio, os educadores, como parte integrante dessa discussão, precisam debater em sala de aula sobre o que compõe a cultura local. Trata-se de um questionamento fundamental, uma vez que a cultura de um povo está relacionada a tradições, criações, costumes e saberes, adquiridos e repassados por gerações e pelo ambiente em que vivemos. Nesse contexto, é relevante analisarmos que a cultura local é formada direcionando para as expressões e manifestações artísticas culturais da cidade, como as linguagens de arte urbana: grafite, *hip-hop*, *break*, batalhas de rima as quais são acessíveis a todos que passam pelas ruas. Dessa forma, constatamos que essas ações são inclusivas, pois estão acolhem os variados tipos de linguagens que compõem as expressões da comunidade periférica. Segundo Barros e Brizuela (2017, p. 4):

A cultura se faz presente em todos os atos e gestos humanos fruto da aprendizagem em sociedade. Por outro lado, ao fornecer formas práticas e simbólicas de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento, a cultura nos permite construir identidades e memórias, mas também, nos desafia ao reconhecimento dos diferentes e seus patrimônios.

A compreensão dessa cultura, que é parte integrante da região, é necessária para que o estudo da Arte se conecte ao contexto sociocultural dos alunos e, assim, seja possível atrair os olhares daqueles que acreditam que a educação artística é algo distante e impossível de produzir. Essa percepção também auxilia nas questões de preservação dos espaços da cidade e do meio ambiente, que são os patrimônios da comunidade. De acordo com Porcher (1982, p. 27), “é na escola, desde a infância, que pode ser forjada uma sensibilidade ao meio ambiente”.

Para que possamos ratificar a necessidade de criação de centros culturais descentralizados, podemos mencionar os principais centros culturais de Brasília, onde acontecem os grandes eventos artísticos, como, por exemplo, o Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, Centro Cultural da CAIXA, Museu do Complexo Cultural da República entre outros, e a dificuldade de acesso a esses centros. Destacamos que o CEF 113, constantemente realiza excursões para esses centros, uma vez que se trata de uma política da coordenação pedagógica sempre que possível organizar visitas às exposições oferecidas nesses locais. Entretanto, por questões de logística, não se consegue contemplar todos os alunos da escola, logo, o acesso, nesse caso, é limitado e não se estende a todo corpo estudantil. Essa prática,

embora seja plausível, dificulta de certa forma, o incentivo aos alunos para uma educação relacionada ao meio artístico-cultural, já que não é realizada de forma globalizada.

3.1 METODOLOGIA, ESTRATÉGIAS DE TRABALHO E PERCURSOS

Considerando essa realidade, adotamos como metodologia a pesquisa experimental e a social que, conforme Paiva Bello (2009), consistem em realizar algum tipo de experimento e buscar respostas a respeito do comportamento de algum grupo social. Nesse sentido, utilizamos a produção artística dos alunos e o projeto de exposição nos espaços culturais como uma forma de analisamos as repercussões dessa integração e ainda verificarmos como essas teorias, utilizadas no decorrer deste trabalho, se comportam em relação à valorização da cultura local e a importância do ensino de arte mais contextualizado com as realidades locais. Para isso, sugerimos algumas atividades com o objetivo de experimentar as possibilidades de integração dos espaços culturais CEU e Ubuntu e a escola, enfatizando a cultura e o patrimônio local, ao transportar a disciplina de Artes para além dos muros da escola. Planejamos, dessa forma, tarefas que fossem possíveis de serem realizadas na instituição escolar, mas também com visibilidade nos espaços culturais. Conseqüentemente, abordamos algumas questões a respeito da realidade local, como o que faz a cultura local, quais espaços poderiam ser considerados patrimônios locais, o que define as identidades culturais, como nos tornamos construtores ou participantes dessa cultura e como podemos valorizar os espaços culturais da nossa região.

Nesse contexto de inter-relação entre comunidade e valorização do espaço cultural, por meio de uma iniciativa entre os ministérios da Cultura e da Educação, foi lançado o **Programa mais cultura**, com o objetivo de fomentar iniciativas que promovam a interação entre a escola e a cultura como um todo. Segundo Medeiros (2018, p. 8),

o Programa Mais Educação propõe que a educação desconsidere os limites dos muros da escola, elegendo o bairro e a cidade, na condição de *locus* da materialidade e imaterialidade de bens culturais, como instrumentos de caráter, naturalmente, educacional.

Essa integração é essencial para ambos os espaços, afinal esses precisam que a comunidade os ocupe e participe deles, mas, para que isso aconteça, é necessário que a população passe a considerar esse espaço como um ambiente acolhedor e saudável para a

convivência. O estímulo e a divulgação dos eventos culturais auxiliam na participação dos alunos nessas ações, para que se tornem a comunidade que futuramente lutará pela salvaguarda de suas identidades culturais. A cultura é uma produção coletiva. Nesse sentido, organizamos as ações coletivas que trabalhassem esses conceitos, a fim de enriquecer os projetos em conjunto.

Essas questões foram debatidas em sala para que fosse possível experimentar a integração e conseguir alcançar os objetivos previamente estabelecidos neste trabalho. Para desenvolver este projeto, trabalhamos com estudantes do 8º ano, em um quantitativo de dez turmas com aproximadamente 25 alunos em cada uma delas. Esse recorte foi realizado a fim de produzir um trabalho capaz de movimentar a discussão a respeito da cultura e dos novos espaços culturais da cidade.

Após a apresentação do projeto, com seus propósitos e metodologias, decidimos produzir imagens a partir de pinturas, em que os aspectos da cidade e do meio ambiente fossem retratados e finalizaríamos com uma exposição nos espaços culturais da região. Essa mostra seria aberta ao público e com uma pequena estrutura de mediação feita pelos próprios alunos. A estratégia deste projeto, também, é apresentar aos alunos e à comunidade uma linguagem artística como expressão em que cada um pode criar e ainda conhecer técnicas que até então eram consideradas para ocupar tão somente os espaços tradicionais de arte. De acordo com Barbosa (2005, p. 33), “[...] as massas têm direito a sua própria cultura e também à cultura da elite”. Essa alternativa de trabalhar com uma linguagem tradicional, possibilita a expressão artística por outros meios, aquém dos já conhecidos por eles, agregando conhecimento para a prática dos discursos cotidianos.

Essa escolha, também, corresponde a outro fato, a formação acadêmica em artes plásticas, em que compartilharia o saber técnico para as criações artísticas. Ao ponderar estes aspectos, observamos certa divergência ao comparar a afirmação da identidade cultural local, através das linguagens urbanas, e as formas tradicionais de arte. No entanto, tentamos integrar, complementar e aproximar as manifestações trazendo as mesmas indagações atuais da comunidade para serem expressas em outro código.

A partir dessas argumentações, podemos proporcionar novas visões, evidenciar narrativas e provocar mudanças nos discursos sobre as obras de arte. Estimulando, assim,

ações coletivas que promovam uma institucionalização¹² que não envolva estar apenas em museus ou em centros culturais renomados, mas fazê-lo por meio da própria comunidade ou grupos sociais os quais são capazes de formar os critérios para instituir o patrimônio cultural.

Inicialmente, os estudantes mostraram-se resistentes à proposta da exposição, pois afirmavam que os espaços culturais locais, não eram seguros e frequentados apenas por pessoas com más intenções. Logo, o primeiro desafio para organizar essa exposição, seria mostrar para os alunos que a concepção que eles tinham a respeito do local estava equivocada e que o local em questão tinha potencial para preencher as lacunas de patrimônio cultural da cidade, uma vez que a comunidade se apropriaria do ambiente e poderia transformá-lo em algo significativo para o enriquecimento da cultura local.

Dessa forma, à medida que as produções artísticas estavam sendo desenvolvidas em sala de aula, iniciamos, gradativamente, a divulgação dos eventos realizados nesses espaços para os alunos da escola, conforme demonstrado nos cartazes de divulgação dispostos nas figuras 6 e 7.

Figura 6 - Oficinas educativas Espaço Ubuntu, DF, 2017



Fonte: Facebook Espaço Cultural Ubuntu
(https://www.facebook.com/pg/espacoculturalubuntu/events/?ref=page_internal).

¹² Conceito usado pelo professor Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, no curso de História da Arte e Patrimônio – Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico – UAB/UnB, 2018.

Figura 7 - Oficinas educativas Espaço Ubuntu, DF, 2017



Fonte: Facebook Espaço Cultural Ubuntu
(https://www.facebook.com/pg/espacoculturalubuntu/events/?ref=page_internal).

Nessas atividades, foram oferecidas algumas isenções de taxa para os alunos do CEF 113. Na oficina de Escrita Criativa, por exemplo, a produtora e idealizadora do espaço, Natália Aniceto¹³, disponibilizou duas bolsas para os alunos da escola. Devido ao interesse pela escrita, convidamos duas estudantes do 9º ano para participarem desse evento. A produção realizada pelas estudantes nos dias de evento representou uma boa oportunidade para a expressão e a criação fora de seus espaços comuns. A oficina de aquarela também contribuiu para a manutenção do espaço. Nessa oficina foram oferecidas quatro bolsas para crianças da comunidade de até 12 anos de idade. Essas duas oficinas foram as únicas que tiveram taxa de inscrição, pois, naquele momento, havia a necessidade de arrecadação de verba para custear a manutenção do local.

¹³ Trata-se de uma escritora da cidade da qual mantemos uma relação de amizade.

Figura 8 - Oficina de introdução à aquarela no Espaço Ubuntu, DF, 2017



Fonte: Facebook Espaço Cultural Ubuntu.

https://www.facebook.com/pg/espacoculturalubuntu/photos/?tab=album&album_id=1580618068913518

A figura 8 é um dos registros da Oficina de Aquarela realizada no Ubuntu. Esta foi oferecida para alunos iniciantes a fim de transmitir o conhecimento básico aos interessados na técnica de pintura. Essa atividade contou com duração de duas horas. Nessa oportunidade, a turma era formada, em sua maioria, por mulheres e dividida entre adultos e crianças a partir de 10 anos. A organização do evento disponibilizou o material necessário para a realização das atividades: tintas, pincéis e papéis específicos para a técnica de aquarela.

No espaço escolar, nesse mesmo período, aproveitando essa interação com os centros culturais da cidade, a coordenação pedagógica da escola promoveu, em alguns dias do mês, uma atividade intitulada “Intervalo Cultural”, em que eram apresentadas batalhas de rimas entre os próprios alunos e apresentações de música com grupos da comunidade local. Aproveitando essas intervenções culturais, trabalhamos em sala a valorização da cultura local, a partir dessas formas de expressão, que podem construir novas narrativas, memórias e fazer parte da formação histórica da comunidade. Essa atividade foi importante para evidenciar a importância da cultura da cidade, e que a arte é uma eficaz ferramenta para as manifestações culturais locais e cada cidadão é capaz de se apropriar dela para evidenciar suas vivências.

Para compor as imagens dos trabalhos, iniciamos com um direcionamento do olhar e da sensibilização dos alunos a respeito dos locais da cidade. Buscamos não somente evidenciar a beleza da cidade, mas também apontar os problemas causados pelo próprio homem em virtude da falta de preservação desses ambientes. A primeira tarefa, portanto, foi fotografar uma paisagem da cidade que retratasse esses dois aspectos. Em seguida, contextualizamos essa tarefa com o conteúdo do bimestre¹⁴: o movimento Impressionista. Analisamos as obras desse movimento, observando as técnicas de pintura e as ideias dos artistas, os quais trabalhavam a pincelada carregada de materialidade e movimento para registrar a incidência da luz sobre determinadas paisagens. Os alunos deveriam escolher uma paisagem do Recanto das Emas - DF, observar em qual momento do dia gostariam de reproduzi-la e depois fotografar para auxiliar na produção artística, uma vez que esta seria feita dentro da sala e não ao ar livre como os Impressionistas. Tendo como referência as imagens do movimento Impressionista, da grande parte dos alunos escolheu trabalhar as paisagens naturais das suas localidades, os demais optaram por imagens urbanas. Por fim, examinamos como poderíamos associar as características impressionistas, a representação da paisagem e o uso da pintura, como um registro daquele momento, com as imagens que foram registradas pelos alunos, promovendo, assim, a concepção da educação estética, conforme sugerem Ferraz e Fusari (2010, p. 58),

É importante que os cursos de Arte sejam pensados também pelos caminhos de uma educação estética, a qual deverá articular-se com esse “fazer”, partindo do contexto da percepção, do uso, conhecimento, apreciação e crítica artística. A educação estética irá contribuir para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional a ponte entre o fazer e o refletir (pensar).

Para a realização da atividade proposta, as turmas foram divididas em grupos de até quatro alunos e, em aproximadamente dois meses, desenvolvemos as pinturas. Durante as aulas, aprimoramos as técnicas de pintura e composição, trabalhando, primeiramente, as paisagens da cidade. Em seguida, quando as pinturas estavam prontas, buscamos identificar os problemas encontrados na cidade como, por exemplo, a falta de cuidado com os espaços públicos, a quantidade de lixo espalhada pelas ruas, as queimadas, o desmatamento, a vandalismo, entre outros, a fim de promover a reflexão crítica. Propusemos, dessa forma, que esses problemas também fossem retratados nas pinturas. Curiosamente, observamos que essa proposta causou certo incomodo aos alunos, pois estavam admirados com a produção inicial

¹⁴ Esse conteúdo e seus objetivos estão estabelecidos no Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal para a Educação Básica nos anos finais.

das obras, a beleza das paisagens ou da cidade sem os problemas identificados. Acreditavam que se retratassem as mazelas e descuidos nas pinturas estariam, de certa forma, corrompendo a imagem. Esse fato foi importante para que pudéssemos ressaltar a importância da arte também como um registro da realidade conhecida e vivenciada cotidianamente, não somente por eles mesmos, mas por toda a população local. A partir desse incômodo manifesto pelos estudantes, promovemos um debate para discutir o que eles, como cidadãos habitantes dessa cidade, têm feito para ajudar na preservação do meio ambiente e como essas dificuldades influenciam no convívio social na cidade.

A figura a seguir mostra um pouco do processo de produção, o início das pinturas na tela de papel panamá, nos tamanhos de 80 cm x 50 cm, em média. Nessa etapa, os alunos ainda estavam trabalhando apenas as paisagens e não sabiam que, posteriormente, seriam inseridos os problemas da cidade na imagem.

Figura 9 - Produção criativa – DF, 2017



Fotógrafa: Laryssa Oliveira.

Paralelamente ao período de realização das produções, em parceria com a coordenação pedagógica do CEF 13, entramos em contato com o espaço CEU das Artes a fim de solicitar uma sala para a exposição dos trabalhos que estavam sendo elaborados pelos alunos. Atendendo ao que solicitamos, o administrador do espaço disponibilizou o teatro que tem uma estrutura média e que atendia ao que necessitávamos. No entanto, foi necessário, ainda, conciliar os dias de apresentação com as aulas que eram oferecidas no local. Em um dos dias, por exemplo, o professor que ministrava aula de teatro no local transferiu o curso

para a biblioteca, a fim de colaborar com a realização da mostra. A visitação aconteceu em dois dias e abrangeu todos os alunos do turno vespertino da escola, com a mediação efetuada pelos próprios criadores das obras, os quais seguiram uma escala previamente definida.

Para viabilizar a visitação, organizamos as saídas de duas turmas por horário¹⁵. Os professores responsáveis receberam um cronograma detalhado com cada horário e acompanhavam a turma no trajeto e na visitação, com uma hora para apreciação dos trabalhos, considerando o tempo destinado à ida para o evento e o retorno para a escola.

As figuras 10 e 11 exibem o momento em que as turmas de 6º ano, juntamente com os professores responsáveis, estavam apreciando os trabalhos dos alunos de 8º ano. Os monitores convidavam um grupo de alunos para conversarem a respeito das imagens, fazer uma breve leitura das obras e ainda questionar os cuidados com o espaço público. Uma instrução foi predeterminada em sala para que os alunos-expositores interagissem com os visitantes e trouxessem reflexões a partir das suas produções.

Figura 10 - Exposição – CEU das Artes, DF, 2017



Fotógrafa: Laryssa Oliveira

¹⁵ Foram enviados pedidos de autorização aos responsáveis solicitando a saída dos alunos para o CEU das Artes.

Figura 11 - Exposição – CEU das Artes, DF, 2017



Fotógrafa: Laryssa Oliveira

Buscando integrar a comunidade escolar às atividades promovidas na escola, enviamos comunicados às famílias para que pudessem participar desse momento de apresentação artística dos alunos. Infelizmente, a adesão dos familiares não foi tão satisfatória, pois poucos apareceram ao evento. Durante a exposição, promovemos uma pequena *vernissage* para os convidados, com alguns aperitivos e bebidas¹⁶. Para servir o público, contamos com auxílio de alguns alunos¹⁷ do turno matutino, que foram convidados a ajudar nessa tarefa, os quais, prestativa e espontaneamente, apoiaram-nos nos dois dias de exposição.

No decorrer da exposição, vários alunos mostraram-se admirados por não conhecerem aquele espaço, pois imaginavam que tal local era frequentado por pessoas mal-intencionadas e nunca tiveram a oportunidade de visitá-lo e vê-lo com outra perspectiva. Essa constatação foi bastante significativa, visto que essa era uma das propostas do projeto, ou seja, que os alunos pudessem perceber aquele Centro como um local prazeroso e viável para a convivência de todos. Os professores que acompanharam os alunos nas visitas também relataram que tal experiência foi de grande valia para a comunidade escolar.

¹⁶ Essa *vernissage* foi realizada por meio de uma ação conjunta entre a escola, alguns alunos voluntários e por mim.

¹⁷ Esses alunos foram das minhas turmas no ano de 2016.

Depois da apreciação das obras, o público foi convidado para uma roda de conversa a respeito do espaço cultural e da importância que esse tem para a comunidade, além de expor quais eram os objetivos daqueles trabalhos. Nesse momento, os visitantes também tiveram a oportunidade de interagir com os alunos-artistas¹⁸, que discursaram a respeito de suas experiências pessoais e expuseram suas perspectivas e interpretações a respeito do processo de produção e quais foram suas conclusões após a vivência dessa construção artística. Nesse sentido, podemos citar como exemplo a fala de uma das expositoras, a aluna Maria Júlia Amaro de 14 anos. Segundo sua perspectiva: seu olhar para as paisagens, cores e detalhes mudaram após o trabalho e que foi gratificante o processo criativo. Esse momento de interação com o público permite, portanto, a completude da obra, uma vez que, ao ser questionado a respeito de sua obra, o autor tem a oportunidade de fazer novas reflexões a respeito de seu trabalho. Segundo Ferraz e Fusari (2010, p. 56):

A obra artística só se completa de fato com a participação do espectador, recriando novas dimensões dessa obra a partir do seu grau de compreensão da linguagem, do conteúdo e da expressão do artista. Quando estamos diante de uma pintura ou ouvimos uma música, por exemplo, estamos articulando diferentes graus de conhecimento específico dessas modalidades artísticas, o que permite uma nova integração com as obras e seus autores.

As figuras 12, 13 e 14 são os registros dessa etapa de interação com os visitantes. Os alunos-visitantes foram convidados a se sentarem no chão, para que ficassem mais à vontade, para conversar com alunos-artistas, que permaneceram de pé e discorreram um pouco mais sobre suas experiências com o projeto.

¹⁸ Definição nossa.

Figura 12 - Roda de conversa, CEU das Artes, DF, 2017



Fotógrafo: Hamilton Martins

Figura 13 - Roda de conversa, CEU das Artes, DF, 2017



Fotógrafo: Hamilton Martins

Figura 14 - Registros dos artistas falando sobre os trabalhos, DF, 2017



Fotógrafo: Hamilton Martins

Tínhamos como um dos objetivos iniciais deste projeto promover a exposição nos dois espaços culturais da cidade. Infelizmente, esse planejamento não pôde ser viabilizado, uma vez que na data prevista para a realização da outra mostra artística, o Espaço Cultural Ubuntu já estava fechado, devido aos motivos já expostos neste trabalho.

4 PÓS - TRABALHO E MINHAS REFLEXÕES

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da proposta de integração entre o espaço cultural CEU das Artes e o CEF 13 e as reações dos envolvidos no processo após a primeira atividade de Arte excetuada fora do ambiente escolar. Buscaremos, ainda, demonstrar quais foram os impactos e os estímulos provocados nos envolvidos nesse processo, no decorrer dessa construção artística. Destacando, principalmente, as relações entre professor-aluno com o objetivo de apresentar os significados e sensações obtidos no percurso da prática de ensino-aprendizagem em Arte.

A partir das pesquisas de A/r/tografia realizamos associações com as práticas utilizadas na execução do projeto, a fim de exemplificar e justificar as experiências e as investigações presentes neste trabalho, com o objetivo de verificar a importância da atuação de artista-pesquisadora-professora, estabelecer significações nas metodologias e teorias apresentadas e compartilhar sentimentos, erros e acertos no desenvolvimento do projeto.

Por fim, apresentamos algumas reflexões que surgiram no decorrer do trabalho, a respeito de prática docente e de como ter vivenciado uma experiência tão diferente que impactou, positivamente, essa prática. Evidenciamos as mudanças e as transformações ocorridas nos contextos de professora-artista-pesquisadora, exploramos e descrevemos como se processou as novas percepções frente aos espaços culturais e as linguagens locais como afirmações da identidade cultural local.

4.1 PROJETO COMO EXPERIÊNCIA

A concretização de trabalho como o que nos propomos a realizar não é algo fácil, haja vista todos os desafios e adversidades enfrentadas no decorrer do percurso, no entanto, após a realização do projeto, observamos e acompanhamos, com uma imensa satisfação, as inúmeras mudanças positivas ocorridas entre as relações: aluno - espaço cultural, escola - espaço cultural e professores - espaço cultural. É marcante a diferença dos olhares, tanto daqueles diretamente envolvidos no processo quanto dos expectadores, em relação ao outro e à importância que os locais geradores de cultura fora dos muros da escola possuem. O Centro (CEU) passou a ser considerado como um importante parceiro no processo de ensino-

aprendizagem do educando, possibilitando trabalhar diversas questões relativas à valorização dos espaços não formais de ensino, o que agrega novas vivências e experiências, tanto à comunidade escolar quanto para o próprio espaço, visto que puderam perceber que dentro daquele ambiente escolar, existe um público em potencial para compartilhar e ampliar as diversas atividades culturais presentes nesse centro.

Nesse sentido, verificamos que em vários projetos artísticos culturais realizados por esse centro, havia um interesse na presença desse novo tipo de público em seus eventos, pois o CEU sempre contatava a equipe diretiva da escola para divulgar e convidar os estudantes a participarem desses projetos. Essa parceria continua existindo, com resultados bem positivos.

Ainda como resultado dessa integração, múltiplas atividades culturais como festivais, apresentações de teatro e dança, além de oficinas variadas passaram a fazer parte das atividades extraclasse desta escola¹⁹. Por meio dessa abertura de portas para o desenvolvimento de novas experiências fora do ambiente escolar, outros projetos foram desenvolvidos por professores de componentes curriculares distintos desta instituição de ensino, em parceria com o CEU, de forma a enriquecer suas práticas didáticas pedagógicas. Podemos citar como exemplo dessa mudança de visão, o trabalho da professora de português do 7º ano²⁰ do ensino fundamental que construiu e produziu com seus alunos peças teatrais que abordavam o tema racismo no país. O resultado do trabalho desenvolvido foi tão interessante que uma das turmas foi convidada a apresentar sua peça para os demais alunos e o local escolhido para essa apresentação foi justamente o teatro do CEU, que possui todo equipamento de luz e som necessários e estrutura adequada para receber os colegas e exibir o trabalho com o merecido apreço.

Inicialmente, os alunos não sabiam dessa possibilidade, pois a ideia dependia da disponibilidade do Centro. Note que essa apresentação poderia ter sido realizada na escola mesmo, visto que o público alvo era os próprios alunos, mas, ao contrário, houve um interesse em valorizar e promover esse trabalho levando para outro ambiente mais estruturado para receber uma apresentação artística como esta. A professora Edigessa já havia planejado exibir outros trabalhos no teatro, no ano de 2017, com alunos de 8º ano, no entanto a proposta concretizou-se apenas este ano.

¹⁹ CEF 113 – Recanto das Emas.

²⁰ Professora de Língua Portuguesa Edigessa Siqueira.

Figura 15 - Teatro “Vista a minha pele”, CEU das Artes, DF, 2018



Fotógrafa: Laryssa Oliveira

A figura acima exibe uma parte da apresentação da turma, em que os alunos desenvolveram uma peça teatral inspirada no documentário nacional “Vista a minha pele” de 2003, com direção de Joel Zito Araújo. Nesse curta, os produtores fazem uma paródia da sociedade brasileira de forma invertida, em que os negros eram a classe dominante e os brancos os escravizados, discutindo, assim, questões a respeito do preconceito racial.

Figura 16 - Turma e professora Edigessa Siqueira, CEU das Artes, DF, 2018



Fotógrafa: Laryssa Oliveira

Ao final da apresentação, a turma, juntamente com a professora, posa para fotos, conforme registrado na figura 16, satisfeitos com o sucesso das apresentações realizadas no espaço cultural.

Outro exemplo que podemos citar foi o trabalho proposto pelo professor de português, das outras turmas de 7^o²¹ ano, em que os estudantes deveriam produzir um vídeo de conscientização em forma de clipe musical, entrevistas ou jornal local para abordar temas ligados às formas de violência e preconceito, como por exemplo, racismo, violência doméstica, bullying, homofobia e intolerância religiosa. Em algumas dessas produções, verificamos que os próprios alunos passaram a conhecer melhor esse espaço cultural e trazê-lo para o seu cotidiano, visto que em algumas dessas filmagens alguns grupos utilizaram esse centro cultural como ambiente e cenário para criação de seus trabalhos. Curiosamente, esses mesmos alunos outrora depreciavam o espaço, mas agora perceberam que poderiam usufruir dele da melhor forma possível.

Mais um resultado positivo do projeto de exposição dos trabalhos foi proporcionar aos educandos telespectadores não somente visitar uma exposição, que para muitos era a primeira, mas também despertar novos interesses, uma vez que após a realização dessa exposição muitos deles questionaram quando teriam oportunidade de produzir obras para apresentar naquele espaço cultural. Provavelmente, a motivação dos alunos-artistas que apresentaram seus trabalhos, a organização do evento e a possibilidade de fazer uma atividade acadêmica diferenciada foram alguns dos motivos pelos quais esses alunos começaram a se interessar por produzir algo que, embora esteja vinculado à escola, possa possibilitar-lhes uma experiência nova.

4.2 A/R/TOGRAFIA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

No decorrer desta pesquisa, observamos que seu modo de desenvolvimento mantém relações com a Pesquisa Educacional Baseada em Arte – PEBA, com ênfase no conceito de A/r/tografia, que consiste em uma forma de pesquisa que abrange as práticas do artista, do educador e do pesquisador, conforme afirmam Irwin et al. (2013, p. 28). A A/r/tografia refere-se a uma metáfora para “*Artist* (artista), *Researcher* (pesquisador), *Teacher* (professor) e

²¹ Professor de Língua Portuguesa Expedito Carneiro.

graph (grafia:escrita/ representação)”, de acordo com a conceituação de Dias (2013, p. 25). Os autores que estudam esse tema destacam a importância das práticas do artista, pesquisador e educador serem realizadas de forma dialética, a fim de produzir novas experiências para melhorar e significar as práticas educacionais em Arte. Para que essa forma de trabalho se concretize, os autores sugerem a utilização de métodos de investigação que “[...] ressaltam questões que o artista/pesquisador/professor trabalhe em comunidade para obter respostas” Dias (2013, p. 15). Essas estratégias são possíveis a partir de experimentações do fazer artístico que envolva múltiplas tarefas, sendo executadas de forma dinâmica, criativa e que desperte sensações e significados nos personagens envolvidos no processo, nesse caso: a comunidade escolar. As experiências artísticas que trabalham os sentidos e os significados possibilitam, ainda, a observação de como esses elementos se constroem e como intervêm e afetam o outro, transmitindo outra visão com relação à Arte. Segundo Dias (2013, p.130):

Professores realizam seus “saberes” através de meios visuais e textuais tendo em mente a prontidão e as necessidades dos estudantes. A a/r/tografia como mestiçagem é uma fonte pedagógica poderosa de compartilhar relações, diálogos e entendimentos.

Os autores afirmam, também, que as investigações artísticas podem começar a partir de um ou mais problemas e/ou desafios e que o A/r/tógrafo acompanhará a evolução desses, buscando a compreensão e as respostas para influenciar experiências e ações de ensino-aprendizagem. Os variados desafios enfrentados nas rotinas de trabalho em Arte podem ser explorados a partir da integralização da produção-pesquisa-ensino, em que se complementam e oferecem possibilidades de ensino-aprendizagem, tanto para os alunos quanto para os professores, a partir da sua reavaliação e compreensão a respeito de determinado fato e, por fim, os educadores-pesquisadores examinam as respostas com objetivo de trazer novas experiências no campo do ensinar e do fazer artístico, apoiado na construção do conhecimento em conjunto.

Nessa perspectiva, diversos pesquisadores em A/r/tografia têm investigado a respeito das práticas educacionais em arte-educação ou no ensino de artes visuais como forma de repensar criticamente as didáticas no processo de ensino. Segundo Irwin (2013, p. 29), “A/r/tógrafos concentram seus esforços em melhorar a prática, compreender a prática de uma perspectiva diferente e/ou usar suas práticas para influenciar as experiências dos outros”. Portanto, a motricidade dessa teoria realiza-se com o componente artista-pesquisador-professor, pois, nesse contexto, uma pessoa carrega características daquele que produz,

pesquisa e ensina podendo relacionar, de forma mais eficaz possível, esses aspectos em suas ações, a fim de promover “melhorias na prática educacional” (IRWIN, 2013, p. 28).

Quando observamos esses conceitos, podemos considerar que estão diretamente relacionando à nossa atuação como professora, artista e pesquisadora, ao buscar a realização de um trabalho que envolva as três ferramentas: produção-pesquisa-prática no ensino de artes visuais, ao propor a contextualização do conteúdo, do fazer artístico e de intervir na forma de exposição dessa produção. Trabalhando, dessa forma, de modo criativo e significativo para ambos os lados, conforme afirma Dias (2013, p. 24) “[...] a a/r/tografia gera *insights* inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor”.

Um dos desafios diários dos professores é contextualizar conteúdos com a realidade dos educandos, fazendo com que determinada teoria faça sentido para eles. Acreditamos, portanto, que promover essa junção da Arte com a realidade seja um dos objetivos dos arte/educadores, ou seja, oferecer a Arte como forma de fala, registro, expressão e manifestação de sentimentos. Além de integrar conceitos tradicionais como o conhecimento em História da Arte e os estudos dos artistas para complementar e exemplificar como arte pode ser apresentada de forma global.

Ao tratar a Arte dessa forma seria possível apresentá-la para além dos conteúdos e promover uma espécie de encantamento por meio das experiências e das criações que fazem parte das nossas tarefas cotidianas quanto ao ensino de Artes. Sendo assim, as ações e as investigações que valorizam o compartilhamento do saber em Arte mais próximo às realidades dos alunos, trazendo significados e sensações destes para a realização das criações, transferem para a prática um pouco de nós mesmos de forma a fazer com que a experiência artística se torne mais sensível e identitária. Segundo Dias (2013, p. 129):

O A/r/tógrafo vive sua prática, representa sua compreensão e questiona sua posição ao integrar saber, prática e criação através de experiências estéticas que trazem significados em vez de fatos. (...) experiências estéticas que integram saber, prática e criação: experiências que valorizam simultaneamente técnica e conteúdo por meio de atos de questionamentos e experiências que valorizam complexidade e diferença em meio ao terceiro espaço.

Nessa perspectiva, o intuito deste projeto foi relacionar o tema de pesquisa (espaços culturais locais) à prática educacional, analisando como seria possível realizar essa união

(escola e espaço cultural) e como a escola e eu, como professora da escola e idealizadora do projeto, poderíamos contribuir para a conscientização quanto à valorização desses espaços e, ainda, proporcionar novas experiências de ensino-aprendizagem ao transpor os muros da escola, conectando, assim, o papel de pesquisadora ao contexto profissional, artista-educadora.

Esta pesquisa viabilizou, também, a observação e a análise de como as produções afetam positivamente os envolvidos no processo, principalmente os alunos, e como tais produções atuaram de forma transformadora em determinados contextos, sejam da escola e/ou da comunidade local. Afinal, o envolvimento com o projeto foi capaz de promover reflexões positivos que são perceptíveis ainda hoje entre os participantes desta pesquisa. Segundo Irwin (2013, p. 34):

A/r/tógrafos pretendem retratar seus projetos de forma que ecoem as suas próprias investigações, bem como os novos entendimentos. Eles querem que leitores e espectadores entendam algo de forma nova e atraente e façam a diferença para a comunidade que vivem, para o campo em que trabalham.

O processo de investigação neste trabalho pode ser apresentado como uma prática que exemplifica as questões da a/r/tografia, pois relata novas experiências para o contexto escolar e permitem novas visões das práticas, como professora e pesquisadora, ambas carregadas de significados e simbologias que auxiliaram na movimentação dessa relação entre o fazer, ensinar e o pesquisar artísticos.

4.3 MINHAS REFLEXÕES

Ao longo de todo o processo, muitas descobertas, experiências e reflexões foram adquiridas. Este projeto foi guiado por uma vontade simples de fazer algo diferente para os alunos, sem mensurar ou imaginar que ele traria tantos aprendizados, reflexões e impressões em tudo que estava envolvido: meu lugar no mundo, minhas práticas profissionais, preconceitos, visão sobre a cidade que moro e trabalho, relações entre os personagens e a disciplina e ainda como sempre as relações entre nós e as instituições vão muito além do que idealizamos.

A decisão de fazer um projeto como esse e estender para uma pesquisa acadêmica, surgiu com o anseio de fazer algo além da teoria, aplicar os estudos de educação e de ensino

de Artes na prática. Logo, verificar o que era possível ou não, quais seriam as demandas considerando a realidade local, experimentando e produzindo de forma a “fazer acontecer”, independente das incertezas e dificuldades. Mas, acima disso, trabalhar algo que transmitisse meu encantamento pela arte aos meus alunos, proporcionando-lhes uma experiência que ficasse guardada em suas memórias e que os fizesse repensar suas atitudes na comunidade que estão inseridos, seguindo, assim, a afirmação de Paulo Freire (1996, p. 38) “[...] a prática docente crítica, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. A pesquisa acadêmica desempenha a função de registro e, mais, complementa, orienta e fundamenta o que estava sendo aplicado.

Com base nos estudos feitos durante o processo, analisei a importância dos valores patrimoniais, destacando os aspectos relacionados ao fomento da cultura, como por exemplo, financiamento, políticas públicas, processo de salvaguarda, a história do patrimônio cultural, as identidades culturais, as memórias, as tradições, entre outros. Correlacionando estes tópicos com a vivência desse projeto, principalmente ao acompanhar a abertura e fechamento de espaços destinados à cultura local. Nesta experiência, pude observar como é relevante a participação da comunidade local, do apoio das políticas públicas, mas que ainda falta para chegarmos a um resultado satisfatório para ambos os lados.

Ainda sobre essas reflexões, ressalto as práticas em sala de aula, ambiente que foi possível notar diversas questões e reavaliar posições a respeito delas. Como exemplo, as vezes que desconsiderei a integração da cultura local com os contextos histórico-artísticos. Uma vez que poderia ser uma oportunidade de trazer o contexto dos alunos para as aulas e assim estimular o interesse dos educandos, pois estaria trabalhando com ideias que eles conhecem bem. Além disso, significar as experiências e construir conhecimentos em conjunto. Exercitando, o que Paulo Freire (1996, p. 30) sugere da integração dos conteúdos com a experiência social dos estudantes:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, (...) os baixos níveis de bem-estar das populações (...). Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina (...). Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Em minha prática docente em Arte, existe um esforço em trabalhar inúmeros pontos: a contextualização histórica, leitura de obras _ envolvendo a apreciação, a interpretação e a crítica_ aprendizado das técnicas visuais, conhecimento das linguagens visuais, produção e criação artística e, agora, a valorização das culturas locais. Essas atividades se complementam com as visitas aos espaços culturais e apreciação de exposições, teatros, festivais quando disponibilizadas para a escola. É nesse processo que há um incentivo à formação no conhecimento e decodificação da obra de arte, como sugere Ana Mae Barbosa (2005, p. 33):

A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. (...) Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos.

O vínculo estabelecido com os alunos durante o processo, também foi um aspecto que merece destaque. As reflexões pós-trabalho faladas por eles nos dias de exposição, me surpreendeu e me fez pensar na afirmação de Freire (1996, p. 113) a respeito do “quão importante e necessário é saber escutar”. Saber o que eles sentiram com o processo, como eles enxergavam a minha prática docente e artística, e ainda quais significados carregariam após aquele trabalho. Na etapa da roda de conversa da exposição, os estudantes tiveram a oportunidade expor essas questões e ao narrarem seus desenvolvimentos, atentei para o quão significativo tinha sido aquela construção. Nos pequenos detalhes do trabalho e das técnicas utilizadas, eles passaram a perceber os objetos, a arte e as atitudes de outra forma. Naquele instante, eles eram os protagonistas, os criadores e poderiam, então, compartilhar as experiências e sensações do processo com os colegas de escola. A princípio meu papel no projeto era o de provocar a curiosidade frente às descobertas, instigar às novas compreensões das produções e estabelecer uma verdadeira relação de comunicação entre a Arte e os educandos, mas agora eu também era espectadora das observações e apontamentos deles.

Após esta experiência de ouvinte, passei a fazer avaliações com os educandos dos processos de produção, apontando o que é importante dentro do trabalho, mas principalmente querendo escutar o que têm a dizer a respeito das suas dificuldades, intenções, autoavaliações das produções e o que carregam daqueles resultados. Segundo Freire (1996, p. 118-119):

Ensinar e aprender têm que vir com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno e de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor deve deflagrar.

Além dessa relação entre professora e os alunos-artistas, houve também o envolvimento com os estudantes que auxiliaram, voluntariamente, na exposição e com os alunos-visitantes, em ambos os casos sempre relatavam a experiência positivamente, aguardando quando seria a próxima mostra artística. Em todo o processo houve a satisfação de fazê-lo, de planejá-lo e realizá-lo, mesmo com o trabalho que ele demandaria. Este fato nos permite lembrar a afirmação Freire faz acerca da alegria do fazer docente, (1996, p. 142), “É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido”.

Estudar e acompanhar os processos nos espaços culturais foi outro momento importante para o rompimento de certos paradigmas a respeito da periferia. Afinal, por mais que não estivesse familiarizada com algumas linguagens urbanas, observei, partir de outro ponto de vista, o de pesquisadora e artista, sabendo que era necessário valorizar o papel do espaço cultural e que as formas de manifestação artística, sejam elas quais forem, são relevantes para falar sobre os questionamentos e as angustias diárias que atingem a todos que partilham desse local. Hoje, consigo perceber que a periferia produz sua cultura, tanto quanto em outros espaços culturais, que sua identidade está se fortalecendo e que os espaços culturais, com suas atividades, são essenciais nesse processo identitário e cultural, da mesma maneira que, eu, artista-professora-pesquisadora, tenho minhas responsabilidades diante dessa construção social. Segundo Irwin (2013, p. 30),

O trabalho dos a/r/tógrafos é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo, ao repensar e rever o que aconteceu antes e o que pode advir; recursivo ao possibilitar que suas práticas espirem por meio de uma evolução de ideias; refletivo ao questionar seus próprios preconceitos, suposições e crenças; responsável ao assumir o encargo de agir eticamente com seus participantes e colegas.

Assim, o trabalho como artista-professora-pesquisadora evoluiu em meio às dúvidas, às inseguranças, aos processos e às reflexões. Trouxe mais ideias e questionamentos que vão refletir nas práticas futuras. Pois cada projeto e cada planejamento são capazes de modificar a visão que temos sobre o ato de ensinar e diante desse aperfeiçoamento poder transformar a prática docente considerando desde os detalhes diários, seja nas ruas, nas intervenções

urbanas, nos gestos da comunidade escolar, nos espaços que nos cercam, formais ou não formais quanto nas teorias e pesquisas acadêmicas. A valorização artístico-cultural e identitária precisam acontecer desde a educação básica, afinal serão eles que, futuramente, produzirão e cuidarão da salvaguarda da cultura local.

Figura 17 - Equipe de apoio, CEU das Artes, DF, 2017



Fotógrafo: Hamilton Martins.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de executar este projeto não foi trivial. Planejar estratégias que alcançassem todos os envolvidos foi uma tarefa árdua, mas gratificante. O registro desse momento, conforme apresentado na figura 17, é uma representação do quão recompensador foi esse projeto e, também, um registro do sucesso de um trabalho em equipe (professora, alunos e coordenação), no cumprimento, com êxito, do que havíamos planejado em sala de aula. O fato de poder tirar as ideias do papel e colocá-las em prática e, posteriormente, registrá-las em uma pesquisa acadêmica foi desafiador e motivador ao mesmo tempo. No decorrer desta pesquisa, conhecemos melhor a cidade onde habitamos e descobrimos espaços que oferecem e compartilham arte com o mesmo encantamento que buscamos promover em sala de aula, como sendo aquela que nos acolhe e funciona como uma forma de escape para os desabafos diários e também como um lugar de descanso das batalhas cotidianas.

Para a experimentação desses espaços, contamos com o auxílio dos idealizadores desses locais e com os produtores da cultura local, que perceberam o processo com potencial educativo. Infelizmente, nem tudo foi positivo durante o tempo que realizamos esta pesquisa pois, nesse período, apesar de todos os esforços dos idealizadores, o Espaço Ubuntu fechou suas portas por falta de recursos. Esse episódio representou uma enorme perda para a comunidade local, uma vez que nesse local eram promovidas inúmeras atividades culturais e era um espaço criado pela própria comunidade. As pessoas que frequentavam aquele ambiente tinham voz e não dependiam de burocracias, projetos ou editais para manifestar suas diversas linguagens e vivências.

Por outro lado, no decorrer das investigações, também acompanhamos o nascimento de outro espaço destinado à cultura, à arte e ao lazer: o CEU das Artes. Com uma gestão distinta da anterior, esse espaço buscou apresentar a promoção de atividades culturais e de entretenimento para a comunidade. Oferecendo aos interessados uma estrutura adequada para as variadas modalidades esportivas e equipada para recepcionar as atividades culturais. Acompanhamos de perto os festivais de literatura, música, audiovisual, oficinas de teatro, dança entre outras atividades promovidas pelo Centro e, felizmente, contamos com a parceria desse espaço para a concretização dos nossos projetos.

Ao pesquisarmos esses dois espaços culturais, tivemos a oportunidade de verificar na prática a teoria fornecida pelas disciplinas ofertadas no Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, no que concerne à promoção da cultura; seus financiamentos e apoios, por meio de políticas públicas; o valor da participação da comunidade nas decisões dessas políticas, uma vez que eles mesmos usufruíram dessas ações sociais; a trajetória histórica do patrimônio cultural no Brasil; a importância de reconhecer as tradições; os saberes; as origens; os patrimônios culturais que formam a pluralidade e a diversidade cultural nacional.

Ao longo do processo, buscamos criar estratégias que integrassem os dois espaços, por meio de atividades que fossem possíveis de serem realizadas e que destacassem a importância da cultural local e das linguagens que trabalham para essa afirmação. Assim, tivemos com a oportunidade de incentivar a valorização dos espaços culturais e acompanhar o desempenho de ambos na realidade da comunidade local.

Após a produção do projeto de exposição, surgiram algumas dúvidas e reflexões que auxiliaram na construção deste trabalho, uma que nos fez pensar em algumas inquietações que acreditamos serem pertinentes à maioria dos professores de Arte, como por que escolher uma linguagem tradicional de arte para as produções locais, se almejávamos enfatizar a importância das linguagens urbanas? Pensando a respeito dessa hipótese, listamos alguns aspectos que podem justificar essa opção. O primeiro item refere à obrigação de seguir os parâmetros do currículo, propostos pela Secretaria de Educação, em que no 8º ano da educação básica o professor precisa trabalhar os movimentos artísticos no século XX, como, por exemplo, o Impressionismo, a fim de desenvolver com os alunos a capacidade de leitura e análise dos elementos das artes visuais contextualizando-os com os movimentos artísticos do século XVIII ao XX. O segundo refere-se à nossa formação em artes plásticas, em que a linguagem trabalhada é a pintura. Nesse sentido, o ensino da técnica seria mais apropriado, uma vez que desenvolvemos e pesquisamos a linguagem. Terceiro e último ponto está relacionado com a possibilidade de produzir uma linguagem que os alunos não estavam familiarizados e quando tinham contato com esse tipo de linguagem era por meio de espaços tradicionais de arte.

Por fim, esta pesquisa nos propiciou, portanto, a concretização de experiências transformadoras, principalmente, com relação à prática docente. O conhecimento de novas investigações, que enfatizam o trabalho integrado do artista-professor-pesquisador, tendo

como referência o que já desenvolvíamos em sala de aula, foi ampliado ao propormos tarefas que destacassem o aluno como criador e produtor das suas expressões, e, mais do que isso, passaram a serem construtores dessas manifestações, a partir da oportunidade de se expressar e apresentar seus conhecimentos e sua constituição cultural, ressignificando, dessa forma, os conceitos da prática de ensino.

Além dessas experiências transformadoras, muitas vivências gratificantes foram compartilhadas no decurso deste projeto, como os relatos positivos dos envolvidos no processo, a produção de outros projetos desenvolvidos naquele espaço e a escola tornando-se participante de outros eventos promovidos nesse espaço cultural, o que, certamente, enriquece a didática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane Galvão. *Arte/educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARROS, José Márcio & BRIZUELA, Juan Ignacio. *Diversidade Cultural, Desenvolvimento, Reconhecimento, Proteção e Promoção - Cultura e Diversidade Cultural*. Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. Brasília: UAB/UnB, 2018.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEE, 2000.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais arte*. Volume 6. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais - PCN + Ensino Médio, Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*: Brasília: MEC/SEE, 2000.

CHEDID, S. (2015). *O marco institucional das políticas culturais: Uma reflexão sobre o Sistema Nacional de Cultura nos municípios brasileiros*. Revista Políticas Públicas & Cidades, 3(3), pp.129 – 142.

DIAS, Belidson & IRWIN, Rita L. *Pesquisa Educacional baseada em arte: a/r/tografia*. Santa Maria: Editora UFSM, 2013

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Educação. Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do Distrito Federal para a Educação Básica nos anos finais, 2001.

FERNANDES, Helione Dias Duarte. *ESPAÇO NÃO-FORMAL DE APRENDIZAGEM: um estudo do museu como mediador na formação de professores/as*. 2006. Página 101, 2006, Universidade de Uberaba – MG.

FERRAZ, Maria Heloisa C. T. & FUSARI, Maria F. R. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FILHO, Francisco Humberto Cunha. *Direitos Culturais e Legislação Cultural no Brasil, capítulo 2, Cultura para o Direito Brasileiro*. Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. Brasília: UAB/UnB, 2017.

MARTINS, Raimundo & TOURINHO, Irene. *Educação cultural visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

_____. *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. *Educação Patrimonial, Ambiental e Cultural - Educar, participar e preservar*. Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. Brasília: UAB/UnB, 2018.

MOREIRA, Raquel & HOFMANN, Thérèse. *Financiamento da Cultura e processos decisórios de alocação de recursos em Políticas Públicas - A “Odisséia” de uma política pública - O Caso Procultura*. Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. Brasília: UAB/UnB, 2017.

OLIVEIRA, Emerson Dionízio Gomes de. *História da Arte e Patrimônio*. Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico. Brasília: UAB/UnB, 2018.

PORCHER, Louis. *Educação Artística: Luxo ou Necessidade?* São Paulo: Summus, 1982.

Endereços Eletrônicos:

A cultura livre: Espaço Cultural Ubuntu, no Recanto das Emas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4u4W-mPAD0Y>> Acesso em 13/09/2018.

A cultura livre: Espaço Cultural Ubuntu, no Recanto das Emas. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/espao-cultural-ubuntu-um-ponto-de-encontro-da-juventude>> Acesso em 13/09/2018.

A cultura livre: Grupos independentes mantêm casas de cultura em várias regiões administrativas do DF e provam que existe arte para além das fronteiras do Plano Piloto. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/a-cultura-livre>> Acesso em 13/09/2018.

A importância do ensino das artes na escola. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>> Acesso em 02/10/2018.

A relação centro-periferia na discursividade da cidade. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/pdf/17-2/8-17-2.pdf>> Acesso em 25/09/2018.

Base Nacional Comum Curricular . Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 02/10/2018.

Centros culturais nas periferias, as periferias no centro. Disponível em: <www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT07-02.pdf> Acesso em 25/09/2018.

CEU das Artes do Recanto das Emas oferece 17 atividades. Disponível em: <<https://fatoonline.com.br/noticia/29802/ceu-das-artes-do-recanto-das-emas-oferece-17-atividades>> Acesso em 25/09/2018.

Conheça a RA. Disponível em: <<http://www.recanto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>>. Acesso em: 13/01/2019.

Espaço cultural Ubuntu recebe quarta edição do Despejo poético. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/04/01/interna_diversao_arte.585195/espaco-cultural-ubuntu-recebe-quarta-edicao-do-despejo-poetico.shtml> Acesso em 13/09/2018.

Fundo de Apoio à Cultura do DF investe R\$ 240 milhões, mas não detalha resultados. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/fundo-de-apoio-a-cultura-do-df-investe-r-240-milhoes-mas-nao-detalha-resultados.ghtml>> Acesso em 13/09/2018.

MinC inaugura o primeiro CEU do DF. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/minc-inaugura-o-primeiro-ceu-do-df/10883> Acesso em 29/09/2018.

Movimentos culturais ajudam a construir a identidade das cidades do DF. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/02/25/interna_cidadesdf,66>

[2089/artistas-do-df-criam-acoes-que-valorizam-a-autoestima-e-a-identidade1.shtml](#)> Acesso em 13/09/2018.

No centro da cultura - Revista Continuum Itaú Cultural nº26. Disponível em https://issuu.com/itaucultural/docs/continuum_junho-julho. Acesso em 09/10/2018.

O que é periferia? Entrevista para a edição de junho da Revista Continuum /Itaú Cultural. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/2010/06/14/o-que-e-periferia-entrevista-para-a-edicao-de-junho-da-revista-continuum-itaucultural/>> Acesso em 25/09/2018.

Portal da Lei Rouanet. Disponível em: <<http://rouanet.cultura.gov.br/o-que-e/>>. Acesso em 22/10/2018.

Programa Praças CEUs. Disponível em: <<http://ceus.cultura.gov.br/o-programa/>>. Acesso em 15/01/2019.

Recanto das Emas recebe na sexta-feira 2º Festival Banca de Poetas. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/06/07/interna_diversao_arte,686963/2-festival-banca-de-poetas-no-recanto-das-emas.shtml>. Acesso em 29/09/2018.